

VALORIZAR O CONTEÚDO FILOSÓFICO DOS MITOS E DAS SABEDORIAS TRADICIONAIS PARA DECOLONIZAR A EDUCAÇÃO E A PESQUISA EM FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

Jacques Gauthier¹

Resumo: Considerando a potência das noções de ancestralidade e comunidade na produção e transmissão do conhecimento nas culturas indígenas e afrodescendentes do Sul, o autor mostra que, contrariamente ao preconceito, existem problemas e conceitos filosóficos nas tradições ancestrais, ativos nas mitologias e particularmente presentes nas divindades. Ele examina sucessivamente cinco glifos toltecas e cinco orixás do candomblé, caracterizando a sua relevância como fontes energéticas e cognitivas para a pesquisa e educação, sugerindo algumas convergências epistemológicas com certas abordagens legitimadas pela academia, entre as quais se destaca a Sociopoética. Ele conclui com uma proposta curricular em termos de Fogo, Ar, Água e Terra, ou seja, baseada na ancestralidade dos elementais.

Palavras-chave: Filosofia da pesquisa; Interculturalidade crítica; Epistemologia do Sul.

VALORAR EL CONTENIDO FILOSÓFICO DE LOS MITOS Y DE LAS SABIDURIAS TRADICIONALES PARA DECOLONIZAR LA EDUCACIÓN E LA INVESTIGACIÓN EN FILOSOFÍA Y CIENCIAS SOCIALES

Resumen: En cuanto a la potencia de las nociones de ancestralidad y comunidad en la producción y transmisión del conocimiento en las culturas indígenas y afrodescendientes del Sur, el autor muestra que, contrariamente al preconcepto, existen problemas y conceptos filosóficos en las tradiciones ancestrales, activos en las mitologías y particularmente presentes en las divindades. Se examina sucesivamente cinco glifos toltecas y cinco orixás del candomblé, caracterizando su relevancia como fuentes energéticas y cognitivas para la investigación y la educación, sugiriendo algunas convergencias epistemológicas con ciertos enfoques legitimados por la academia, entre las cuales se destaca la Sociopoética. Concluye con una propuesta curricular en términos de Fuego, Aire, Agua y Tierra, es decir, basada en la ancestralidad de los elementales.

Palabras clave: Filosofía de la investigación; Interculturalidad crítica; Epistemología del Sur.

Os povos do Sul, seja indígenas das Américas brutalmente colonizados, seja afro-americanos escravizados e deportados durante séculos de colonização, concordam em dar a maior importância às noções de *antepassados* e *ancestralidade*, bases, ao mesmo tempo, do existir-juntos no bem-viver; da educação da juventude que permite a atualização contínua das

memórias materiais, energéticas e espirituais; do próprio pensamento. Pois, não se pensa, como acreditam os colonizadores, sozinho na solidão do seu escritório (conforme Descartes escrevendo suas “Meditações Metafísicas”), mas em relação à comunidade: comunidade espacial da aldeia, e temporal dos antepassados que capitalizaram suas experiências de sabedoria. Vivemos e nos educamos em contato íntimo com esses antepassados, através de narrativas e mitos. Os ancestrais, a Terra, a Água, o Vento e o Fogo também participam diretamente do educar, do pensar e do bem-viver, já que estão em nós como estamos neles, através da respiração, da alimentação, do namoro, dos rituais funerários etc.

Uma abordagem filosófica instituinte

Nessas tradições comunitárias, a roda é de fundamental importância para se transmitir e compartilhar conhecimentos: transmissão dos saberes dos ancestrais e antepassados, partilha de experiências de vida, de acontecimentos onde o mistério sempre está presente, na junção entre os mundos de baixo, daqui e de cima. Assim, o mestre, a mestre somos nós. Obviamente há pessoas com poderes especiais, seja nascidas assim, seja devidamente iniciadas através de desafios e provações perigosas na morte e renascimento.

O equivalente das bibliotecas acadêmicas é fruto de lições de vida, nas suas dimensões mundanas, infra e supramundanas. Nenhum saber existe fora de fluxos energéticos entre as gerações, os membros da comunidade e os seres não humanos que povoam esses três mundos. Além disso, para qualquer povo nativo do Sul, de maneira metafórica podemos dizer: “A mata está dentro de nós”: no próprio corpo atuam energias dos quatro elementos, que são também consciências vivas. É assim que conhecer é sempre, também, se curar - o que diziam em outros contextos o velho Sócrates, o nobre Buda e a criança-velha Laozi.

Instituinte, na academia, tal concepção do saber: saber da roda e na roda, interligada com os elementais dentro e fora de nós, e todo conhecimento do lado coroa e conhecimento de si do lado cara. Encontramos o papel dx professorx como facilitadorx, catalisadorx e potencializadorx dos saberes já presentes no grupo, críticx e mediadorx da relação entre esses saberes e os da grade curricular. É assim que ensinar nunca falta de ser um *cuidar* e um *educar*: abrindo sua mente para novas experiências, novos confrontos com o desconhecido vindo do grupo e dx professor agente da instituição formal e da sua cientificidade legitimada

pelo sistema, x aprendiz se cura da sua relativa ignorância e cresce como ser humano integral, emocional, intuitivo, sensual e racional.

Várias pedagogias eurodescendentes (com pensadores-educadores conhecidos como Dewey, Freinet, Cousinet, Oury, Fonvieille...) e a pedagogia freireana do oprimido e da libertação encontram este propósito educacional do Sul.

Honra aos povos nativos das Américas: problemas e conceitos filosóficos dentro da sabedoria ancestral tolteca

Para um não-índio como eu, é difícil de entender profundamente uma sabedoria brasileira genuína, e deixo a tarefa de realizar o equivalente do trabalho que vou apresentar a uma pessoa qualificada, membro de uma comunidade indígena, se ela achar isso pertinente. Mas por ter vivenciado um processo iniciático na sabedoria tolteca, vou mostrar o interesse e a potência filosóficos dessa sabedoria, na medida da minha competência e de maneira simplificada por causa da complexidade desse conhecimento ancestral.

Existem 20 “glifos” expressando o processo vital cósmico. Um glifo é como um arquétipo - pensando o arquétipo de maneira energética e como imerso numa onda de luz, e não como uma forma substancial de tipo platônico, imóvel e padronizando a vida. Isso é muito importante, porque a filosofia eurodescendente tem dificuldade em pensar fora de essências bem definidas, eternas e invariáveis, em pensar a impermanência que qualquer povo imerso na floresta vivencia a cada instante, na alternância das estações, do dia e da noite, e da luminosidade e umidade do ambiente, assim como, na perpétua mudança dos fluxos energéticos sensíveis.

Vou dar apenas cinco exemplos entre os 20 que estudei, só para evidenciar a riqueza filosófica presente, sugerindo para cada glifo desdobramentos diretos para a pesquisa e para uma educação radicalmente decolonial (além dos ensinamentos xamânicos iniciático que recebi oralmente, me referi em PERRIN, 2013 e no site:

https://www.4-ahau.com/Les_20_Glyphes_de_jour.html, consultado em 04/12/2018.

GLIFO 1, IMIX, a matriz primordial da transparência de todas as coisas, Golfinho, Dragão, Nenúfar ou Crocodilo. A matriz ligada à sabedoria presente nas memórias de todas as ancestralidades, principalmente, femininas. A potência do líquido amniótico que só aguarda o despertar de qualquer forma, na escuridão das águas primordiais.

O problema:

- A segurança intra-uterina vem do amor incondicional, pois não tem apego nem julgamento e a vida vai ter esse sabor *se soubermos observar* direitinho e *fluir* na própria vida desperta (tempo e espaço são ilusórios, pois estamos *o passado e o futuro* no presente, *o aí e o lá* no aqui).
- O desejo de sobrevivência é um alimentar, que de fato, na ligação universal ou seja, vacuidade de onde vimos, é sempre uma interligação, *mesmo que não temos consciência*.
- Conscientizar-se de que o amor incondicional e a interligação são dados para todos os começos (em Heráclito criamos a ilusão do Fogo como guerra, separação, principalmente através da linguagem que propõe uma unificação-essencialização ilusória da impermanência: nunca fomos separados e a linguagem não tem tanta potência assim, o que é difícil de admitir por filósofos).

O conceito:

- De interligação originária sem julgamento, base do amor-alegria.

Os desdobramentos para pensar a pesquisa e a educação:

- a) Observar não é julgar, não é avaliar, ter preferências e repulsões. A pesquisa não vai ser avaliativa e sim uma conscientização de como o Amor uterino primordial está fluindo ou não nos dados produzidos pelo dispositivo de pesquisa (entrevista, história de vida, grupo-pesquisador sociopoético etc.).
- b) A prática educacional baseia-se na consciência aguda da interligação saudável e amorosa entre todas as ondas presentes em sala de aula e fora.

GLIFO 5, CHICCHAN, o fluxo da Serpente. É a sabedoria universal do que estamos sentindo, das vibrações mais primitivas da vida, dos sangues que alimentam todas as formas até poder se transmutar, emplumar e voar! Daí, o xamanismo e a mediunidade: ver o invisível, ver as sombras, ver o interior das coisas.

O problema:

- Todos os sangues convergem em vibrações e harmônicas de profunda intuição participativa, que atravessa o corpo, da terra para o céu. Daí o desvelamento dos mistérios na intimidade das coisas, o conhecimento pelo coração. A *conscientização*, aqui, é de que a vacuidade cósmica passa pelo nosso corpo e pelos nossos sentidos e sensualidade como eixos: vibramos com o mundo e o mundo vibra conosco.

- Conscientizar-se de que temos o saber do coração quando conseguimos vibrar com o universo, o que pede para um MÉTODO de integração energético.

O conceito:

- De vibração onde as ressonâncias trazem um conhecimento íntimo e participativo do cosmo.

Os desdobramentos para pensar a pesquisa e a educação:

- a) Difícil de instituir na academia uma prática de pesquisa que aposta no corpo como eixo energético e cognitivo, na *intuição* como método legítimo de conhecimento. Já sociopoetas aplicam técnicas de potencialização das capacidades cognitivas intuitivas de cada um dos membros do grupo-pesquisador (copesquisadorxs), através da abertura dos chacras e fluidificação do corpo, com a possibilidade de realizar pesquisas em estado de transe com a ajuda de medicinas indígenas (plantas-professoras como a Jurema, a Ayahuasca etc.).
- b) Na educação, o despertar das energias e luzes corporais e sua conexão com energias e luzes cósmicas é imprescindível do pré-escolar até a universidade se quisermos educar as gerações futuras a uma Cultura da paz e do bem-viver, com respeito ao diferente e amor à natureza.

GLIFO 7, MANIK, a vulnerabilidade sacrificial do Cervo, Veado, Corça... e a mão que realiza. Uma ENTREGA total, entende, ligada ao Comum, ao grupo, ao coletivo, porque a Luz só aparece na entrega energética absoluta. Assim, na chegada da noite, você não tem mais identidade, máscaras, personagens sociais, fantasmas de não ser quem você é...

O problema

Chegou-se a uma forma estável e individualizada, pronta para se sacrificar se for preciso. É importante *conscientizar-se* de que essa forma não é um dado originário, mas o produto da morte/metamorfose/transmutação, que foi possível por nunca se desconectar das outras formas vivas e por ser a união da compaixão com a beleza (daí, o sacrifício suprime nada). É um fazer, um dar forma, um *informar*, na harmonia. O artesão como o massagista e *informante* de si, por ter experienciado o sem-forma da morte e as virtualidades de todas as formas.

- Conscientizar-se de que nenhuma forma individualizada existe, nem nenhuma potência formadora fora da conexão universal.

O conceito:

- De sacrifício como meio paradoxal de dar forma, graças à passagem consciente pela não-forma (efeito do princípio de universal metamorfose).

Os desdobramentos para pensar a pesquisa e a educação:

- a) Pesquisar é morrer a si próprio e se tornar o próprio ator, a própria atriz do seu s(ab)er. É da responsabilidade dx orientadorx cuidar dx orientadx, no sentido destx nunca perder a conexão com todas as formas, sem a qual ele ou ela não pode dar forma alguma, tanta a si mesmx como ao conhecimento. Encontramos na Análise Institucional e na Teoria do Pensamento complexo segundo Edgar Morin abordagens que justificam academicamente a criação de uma novam ordem, libertária, dentro e fora de si, a partir da crítica e crise radicais dos velhos paradigmas.
- b) Na educação, a ideia é de x aprendiz se dar sua própria forma a partir da morte dos preconceitos, ideias instituídas sem contestação alguma, ideologias inconscientes que

nos formaram. Os conhecimentos novos abrem para um campo informacional mais amplo que, frequentemente, desconstrói as certezas mais íntimas - mais ancoradas na própria vida e/ou na instituição.

GLIFO 13, BEN, a flexibilidade e firmeza do Tatu, do Andarilho do Céu, é o poder de servir, de criar associações, de gerar formas e vida a partir da não-forma. É a impermanência como criatividade, o dom de multiplicação "celular" do cuidar para com todos os seres sem exceção, o amor florescendo, a espontaneidade vital inconsciente, natural, imediata. É o poder do amanhecer, dos primeiros raios quando nasce e se expande em nuances múltiplas a Luz, animando cada um/a.

O problema:

A criatividade adquirida permite emanar e multiplicar a vitalidade e cura, disponibilizando sua luz interior ressoando com a dxs outrxs, sem invadir limites alguns, mas ultrapassando-as com flexibilidade, graças à vacuidade íntima. A consciência aparece nesta aptidão a transcender os limites sem invadir, ecoando na firmeza e sutileza.

- Conscientizar-se de que a vitalidade e cura ressoam a partir do eixo de vacuidade em nós, trazendo compaixão e superação dos limites sem invasão.

O conceito:

De respeito-superação dos limites em si e em outrem, pela emanção, expansão e disseminação do cuidar e da vitalidade.

Os desdobramentos para pensar a pesquisa e a educação:

- a) Pesquisar é uma troca: recebemos conhecimentos vindo do campo de pesquisa e das pessoas envolvidas e emanamos nossa própria luz, sem pretender ensinar, curar ou transformar, mas deixando nossa própria sabedoria ressoar com a dxs outrxs,

naturalmente, com grande confiança na nossa atuação amante e compassiva. Assim, conforme o que acontece na sociopoética, a pesquisa gera um ÁICAÍRQ (conceito que criei recentemente, por enquanto sem referência bibliográfica) no grupo-pesquisador. ÁICAÍRQ, ou seja: Atenção/Afeto, Intensificação, Caotização (veremos este aspecto no último glifo estudado, Cauac), Ampliação, Integração/Inclusão, Recolhimento e Quietude.

Com efeito, conforme GAUTHIER, 2012, a *sociopoética* é caracterizada por ter cinco orientações básicas, cinco estrelas guias, que favorecem essas alterações da consciência, individual e coletivamente:

- 1- A criação do dispositivo do grupo-pesquisador, que autogera a pesquisa, no qual cada participante está ativo em todas as suas etapas, sendo x(s) proponente(s) x(s) facilitadore(s) da pesquisa.
- 2- A valorização das culturas populares e de resistência na produção, leitura e interpretação dos dados da pesquisa.
- 3- A mobilização do corpo inteiro para a produção do conhecimento (sentidos, gestualidades, razão lógica, mítica, contextualizada, emoção e afeto, intuição, imaginação, etc.). Por compreender que muitos saberes não se expressam por palavras, por pertencerem à ordem do silêncio, do sagrado ou da dança.
- 4- O uso de técnicas de inspiração artística na produção dos dados, que revelam fontes não conscientes de conhecimento, individual e coletivo, no grupo-pesquisador.
- 5- A responsabilidade cognitiva, ética, social, política, noética e espiritual do grupo-pesquisador no decorrer e no uso da pesquisa. O que favorece a desconstrução dos corpos e a emergência de desejos e devires imprevisíveis.

b) Na educação, essa forma de “fê” no potencial de expansão-disseminação da vitalidade cuidadora (e cuidadora) é extremamente desafiadora para a academia tal como foi instituída. A formação em sala de aula deve ser entendida como um espaço-tempo iniciático para a superação alegre dos limites de cada umx no respeito das diferenças e singularidades, dos ritmos de cada umx, pela mediação do coletivo e dxs professorxs/educadorxs. Não se pode imaginar uma educação que não seja alegre (conforme Espinosa para quem a alegria é a intensificação da sua potência de vida e a

ampliação da sua rede rizomática de possibilidades relacionais com qualquer corpo ou incorporal – ver DELEUZE, 1968), mesmo se a transmutação das energias cognitivas íntimas pode necessitar certa dor provisória, no momento do parto de si.

GLIFO 19, CAUAC, a Tartaruga, o entrelaçamento (no espaço) e a sincronicidade (no tempo) que chegam com a chuva, o trovão: a Tempestade que purifica e permite emanar compaixão para o mundo de fora a partir de um interior que foi caotizado. Criar, cuidar, curar, dentro da comunidade, tecendo elos múltiplos, com momentos de tristeza compassiva e raios de raiva... sempre a partir de tempestades, desafios e ousadias. É um poder de libertação e transmutação daquilo que pode ficar preso, desconhecido, não revelado, em si e nxs outrxs: eis a Riqueza de cada ser: desmanchar outrem ao se desmanchar e caotizar, tanto si próprix como as relações e rizomas que tecemos, tudo isso como base para o cuidar incondicional e a integração de todxs nas redes cósmicas.

O problema:

Uma última ilusão pode se tornar um obstáculo na nossa caminhada material, energética e de luz: pensar que podemos economizar a caotização do nosso ser, que fica necessária dentro do carma da dualidade, dos apegos nossos ao reconhecimento do nosso valor, dos nossos desejos de sermos amados. A consciência é aqui como uma varredura dos pontos de florescimento do eu (no prazer e no sofrimento), o qual existe como primeira e última ilusão.

- Conscientizar-se de que o caos é necessário para que percamos nossas ilusões mais íntimas, originárias e finais, resumidas na ilusão do eu separado, que experimenta a caotização como momento/elemento do caos cósmico.

O conceito:

- De caotização como purificação dos apegos mais íntimos e originários.

Os desdobramentos para pensar a pesquisa e a educação:

- a) No pesquisar, nada acontece sem o perigo de caotizar nosso ser, perigo que deve ser enfrentado com coragem, fé (em si e no ambiente humano e não humano da pesquisa) e determinação. Uma forma de não-eu, de aceitação tranquila que se desmancham nossas certezas mais íntimas, passagem obrigatória para a purificação da nossa mente conceitual e abertura incondicional à luz dx outrx, da comunidade e do universo. Vê-se que essa ética da pesquisa se opõe ao que a academia geralmente gera e gere, ou seja, a confirmação das teorias vigentes, de nossas crenças básicas. Mais uma vez, a sociopoética é um caminho seguro para a superação dessas perigosas barreiras institucionais à criação de novas perspectivas, novas problemáticas e novos conceitos e confetos (misturas de conceitos e afetos) – criação que deveria ser a razão de ser do pesquisar.
- b) Na educação, o desapegar-se de si e do individualismo onipresente, começando pelas suas certezas ideológicas e seu inconsciente institucional competitivo, é ao mesmo tempo uma exigência e uma urgência.

Chegamos ao fim da nossa entrega ao ambiente filosófico tolteca.

Vemos o quanto ele é rico e revolucionário, tanto para a educação como para a pesquisa ou a filosofia, no benefício de todos povos da mãe Terra. Xs pesquisadorxs, pensadorxs e educadorxs das Américas são xs guerreirxs dessa revolução nas formas de se produzir e ensinar os conhecimentos e possuem uma grande responsabilidade na evolução do sistema mundial de pesquisa acadêmica e na superação e transmutação das metas educacionais dominantes no ambiente do capitalismo globalizado e do individualismo consumista.

Honra aos povos escravizados: problemas e conceitos filosóficos dentro da sabedoria ancestral afrodescendente do candomblé

Aqui o trabalho é mais fácil para mim, já que vivenciando o candomblé do interior, tendo sido confirmado como Tata (ogã) de Tempo, nkisi (orixá) do candomblé angola. Mas como as pessoas conhecem mais o candomblé nagô-jeje, me concentrarei nos orixás dessa tradição. Aqui também tomarei cinco exemplos entre os 26 que estudei, acrescentando considerações

minhas sobre alguns desdobramentos possíveis, no meu ver pertinentes para a pesquisa e a educação.

XANGÔ - “Orixá do trovão e da justiça” (PRANDI, 2001, p. 570).

Qual o problema filosófico? São vários (segundo Juana Elbein dos Santos, o que está em jogo no culto a Xangô é nossa fé na viabilidade do ser humano e, acrescenta José Flávio de Barros, na possibilidade de sonhar e transformar o mundo! Ver SANTOS, 2016 e BARROS, 1999/2009):

- *A violência do poder expressa a relação atual do ser humano com a natureza; quem domina quem? Como transformar essa violência em justiça (particularmente, na era atômica)?* Há de respeitar as regras básicas da ancestralidade, da sabedoria e da ética social, e equilibrar as potências femininas e masculinas – o Fogo com as Águas. Até o poder deve ser humilhado para se comportar (pensando em Foucault, provavelmente filho de Xangô) e não oprimir e humilhar os fracos.

- *Como agem as energias femininas para salvar de si (de sua violência) o macho no patriarcado?* Há de colocar limites cada vez mais claras na sua pretensa onipotência (geralmente, através de palavras suaves e da ativação da compaixão, que é um componente fundamental da potência e do poder verdadeiro – ver a importância de Dadá, o irmão fraco, no mito de Xangô, conforme PRANDI, 2001).

- *Como a centralidade sedutora do Fogo em nós age (agiu e agirá) para nos libertar de todo tipo de escravidão, externa e interna?* Trata-se de um poder mágico.

- *Como pensar o paradoxo de uma continuidade civilizadora que, como o Fogo, é sempre recriação, através das tragédias da história (escravidão, globalização etc.)?* O poder autêntico é a potência de equilibrar e integrar aquilo que é de casa com o que vem de longe, o que é de fora com o que é de dentro, o masculino e o feminino, conforme o duplo machado de Xangô.

- *Como o pulsar rítmico da vida se manifesta como energia criadora na fala, nos sons da natureza, na reza, na música, na dança e no canto?*

Os conceitos que podemos criar são:

- A Justiça transforma em vitória qualquer derrota, pois, harmoniza as forças soltas rizomatizando na multiplicidade natural, social e cósmica. Ela cria contra-poderes sócio-políticos, e assim consegue equilibrar sua interação com as indomáveis forças naturais (nunca o Estado está completamente cortado da Natureza, ambos brincando de gato e rato num jogo de dominação)... Hoje poder-se-ia dizer que o Estado está dentro da Natureza (pegando vida), como a Natureza (e com ela, a morte) está dentro do Estado – *exit* a oposição constitutiva de certa antropologia entre Natureza e Cultura! Parece-me muito profundo.
- Ela é Cágado Yin com Carneiro Yang, equilíbrio e integração das polaridades (me permito colocar em perspectiva intercultural as polaridades assumidas por Xangô, para solicitar a imaginação criadora dx leitorx e desterritorializar um pouco meu referencial, de maneira antidogmática e não culturalista).
- Existem momentos oportunos para exercitar ataque, violência, fuga, charme, astúcia e magia, ou quietude e paz – e às vezes precisamos de aliadxs para enxergar os contextos, os momentos certos (o “kayros” grego, ou seja, a razão prática produzindo a *ação correta*, adaptada ao momento oportuno, na adequação intuitiva a uma situação mutável e imprevisível).
- A Justiça combina com a Rebeldia e a Compaixão, mas sempre na condição de respeitar a Ancestralidade, o que permite resistir a qualquer ódio e ressentimento.
- Paradoxalmente, ao expressarmos a raiva descobrimos nossos aliados: aqueles que nos resistem e assim, nos espiritualizam.
- A liberdade é a expressão do Fogo íntimo do Coração (Sol), que *ao mesmo tempo* centraliza as forças internas proporcionando calma e equilíbrio (Água – pensar nas três mulheres-rios de Xangô: Obá, Iansã – mesmo que rio de fogo! - e Oxum), e se projeta violentamente como potência e poder de luz que purifica e derruba as injustiças.
- Sensualidade, sexualidade, canto, dança e festa não somente expressam a energia vital, mas contribuem à sua existência, energizando periodicamente o cosmos, além das oferendas sacrificiais (o Axé é a força vital invisível e sagrada presente em todos os seres, divinos, humanos e animais, em todas as coisas e fenômenos da natureza; ele circula e pode ser transmitido, se fortalecer ou enfraquecer, precisando ser alimentado, renovado e cultuado).

- Assim participam os rituais direcionados a Xangô como expressão da Realeza e da Justiça da libertação do povo negro escravizado ou neo-escravizado, e de todxs xs oprimidxs em geral.

- Além disso, o ritual permite ver com os olhos do orixá, ou seja, entrar num perspectivismo cósmico que se expressará como criação da nossa realidade/do nosso reino no cotidiano (Xangô é o mestre da continuidade inaugural, por ser o princípio real).

Os desdobramentos para pensar a pesquisa e a educação:

- a) No pesquisar, o fogo superativo da vitalidade e criatividade na realidade social (por exemplo, em pesquisas-ações a favor de um mundo mais justo) sempre deve encontrar seu ponto de equilíbrio calmo e compassivo para se conseguir resultados eficientes. O ambiente pesquisado traz energias e saberes potentes aos quais é imprescindível se abrir. A dialogicidade entre a academia e o ambiente de pesquisa, humano e não humano é de fundamental importância para que se criam conhecimentos pertinentes e inovadores.
- b) Na educação, o cuidado com esses equilíbrios entre saberes populares e acadêmicos é o segredo da potencialização recíproca e harmonização dx aprendiz.

IANSÃ/OYÁ - “Orixá dos ventos, do raio, da tempestade; dona dos eguns [dos antepassados, dos espíritos mortos]; uma das esposas de Xangô (PRANDI, 2001, p. 568).

Qual o problema filosófico?

- *Luta de guerrilha contra o machismo, pela mulher selvagem (que não tem medo da morte) que através da sedução e sexualidade não somente se apossa de todos os poderes masculinos, mas também é “dona” dos ancestrais na origem das linhagens. A búfala, fecundidade selvagem, preciosa e indomável, além da vida e da morte. Os saberes ocultos, a feitiçaria, a visão. A limpeza energética frente às energias da morte. O rosto da deusa-búfala tem forma de útero mais ovários.*

- *A invisibilidade, velocidade em ocupar todos os tempos e todos os espaços, e principalmente, se metamorfosear, ao mesmo tempo é uma poderosa proteção contra as violências do patriarcado, e uma arma mágica para transmutar as coisas e os seres.* Oyá tem o poder de passar pelo mineral, vegetal e animal, além do humano. Assim, ela ocupa os espaços-tempos espirituais. O fogo feminino, talvez clitoridiano, que vivencia êxtases longe do equilíbrio, paixões fontes de energia, experienciando todas as formas de vida (por conhecer os segredos da morte e transmutação: borboleta). Não há vida sem *interioridade* de essência feminina e os iniciados devem se mascarar para ganhar tal interioridade (até o rei Xangô se veste de Oyá! Num mito citado por PRANDI, 2001), a qual é também necessária para ganhar o poder social e político... e também, espiritual. Xs xamãs que trabalham com ervas são donos e donas das metáforas (sistema analógico entre plantas e doenças: as árvores falam). Aqueles que trabalham com os feitiços são donxs das metamorfoses. Tudo isso é a origem dos *símbolos* como seres energéticos que escondem e mostram ao mesmo tempo: cara e coroa da mesma moeda. Logo, Oyá como protótipo de qualquer Self transpessoal, liberado das máscaras sociais.

- *A intuição é destruição imediata dos preconceitos levados pela ventania e o motor das aventuras e descobertas sem fim.* Isso é a liberdade sempre renovada, colorida, conquistadora e criadora, que desconhece os limites culturais ou pessoais. É poesia, ritmo, versificação, o *fogágua* dos atabaques que contam as memórias ancestrais e traçam os itinerários. Conforme GLEASON, 1999, é a origem do teatro nagô, com as máscaras dos Eguns (dos antepassados mestres das linhagens), sendo o feminino e matrísticoⁱⁱ o guardião da retidão do poder real graças ao domínio da almas mortas e da *passagem* entre o mundo dos vivos e o dos mortos (*Bayanni* - como forma feminizada e/ou amenizada da terrificante energia-Xangô). Nem o poder nem a fecundidade/fertilidade masculinas podem se esquecer de sua ligação íntima originária com o interior e as curvas do feminino, que ele deve honrar e assimilar (Xangô/Bayanni).

- *Responsabilizar-se, pois é capaz de mudar as estruturas de qualquer coisa ou instituição, pela sua aliança com os elementais da natureza e seu poder de metamorfose.* A conscientização nunca produz pensamentos em termos de essências ou seres substanciais, pois tudo é vento e fogo (*fogar*). O saber das fraquezas é a maior força. Assim, a menstruação

como ferida do animal selvagem que é a mulher: sua força. Pode assumir um devir-invisível. O desejo-Oyá, uma fita de Moebius (o interior se torna exterior e o exterior se torna interior, sem fim – a vida se torna morte se torna vida... Outra lógica daquela, conhecida, de LACAN, 1966, onde o objeto do desejo é como uma fita em forma de 8: aqui, no mundo nagô, a torsão do desejo está marcada pelo vermelho feminino). O núcleo psicótico do mundo e do ser: ser mordido pelo seu animal interior (mordida de búfala e de borboleta – rrsrrs, mas também dos nove ventos interiores), tal é a explicação nagô-jeje dos assim chamados “devires animais” na esquizo-análise de Deleuze e Guattari (ver DELEUZE; GUATTARI, 1980)! Orientar a matilha, pelo vento central (o caramujo de Oxalá, orixá da criação e da paz, esperma branco e brando como olho do furacão?). O caos cria ordem, a búfala velha guia a matilha (linha de fuga?).

- *Dona das mulheres com sua economia de trocas no mercado, que se contrapõem à lógica masculina exclusiva de posse pela guerra. É a independência em rede das mulheres, que agem, fazem, realizam. Os fluxos do mundo interior da mulher tornados visíveis na troca pacificada e apaziguadora dos bens (“Meu bem!”). A *compaixão* matrística, lado coroa da *paixão*, da selvageria insaciável da sexualidade feminina, lado cara.*

Os conceitos que podemos criar são:

- O conceito de *feminismo-ancestralidade*. A mulher liberada da opressão patriarcal revela sua potência de guardiã das linhagens e limpeza energética.
- O conceito de *velocidade-metamorfose-transmutação*. É uma prática dos elementais, por viagens no interior e intimidade dos corpos, dos eventos e das coisas que age e faz.
- O conceito de *símbolo-impermanência-realização*. As analogias (des)veladas pelos símbolos são energias passando em estados orgásticos de desequilíbrio extremo para encontrar seu equilíbrio, que fica marcado como transpessoal e ativo na realidade.
- O conceito de *intuição crítica libertária*. As máscaras sociais e culturais continuamente queimadas num teatro grotesco e espiritual ao mesmo tempo, através da interioridade e profundidade insondável do feminino.

- O conceito de *força-pela-fraqueza*. O sangue como origem das metáforas e conceitos referidos à força, potência e poder em geral. O macho não pode esquecer nem negar sua falta de menstruação.

- O conceito de *desejo extinterno como santa loucura* (a “Crazy Wisdom”, *Louca Sabedoria* segundo TRUNGPA, 1993, onde o ser realizado mostra com ingenuidade um comportamento anômalo e fora das normas admitidas, ou, de maneira invertida, a mística sufi da experiência íntima do “sabor das coisas” graças à “possessão dominada” *hâl u aql*, reflexão lúcida sobre a experiência do invisível no êxtase – ver HELL, 1999, p. 55). A superfície é a profundidade e reciprocamente. Abertura paradoxal, dentro deste conceito, para a paz e tranquilidade.

- O conceito de *paixão-compaixão-ação*, cara e coroa, e fio da mesma moeda (ver o tantrismo, sempre na ideia de que tocar os limites da normalidade na intensificação das energias vitais sem julgamento, atração nem repulsão, é a própria transmutação em ato: o estado de graça é o presente de qualquer momento da vida cotidiana – poucos e poucas entendem isso, percebendo apenas as repentinas mudanças, aparentemente desordenadas e fruto da instabilidade do raio)... Mas talvez eu esteja exagerando com minha espiritualidade inter e transcultural. Provavelmente dependa do espírito de cada pessoa, filho ou filha de Oyá.

Os desdobramentos para pensar a pesquisa e a educação:

- a) No pesquisar, é fogo, fogo e fogo: selvageria das intuições repentinas que derrubam as barreiras institucionais: estamos no interdisciplinar e no não disciplinar! Isso deve ser aceito como *condição* de certas pesquisas que não podem e não devem ser categorizadas em gavetas acadêmicas predeterminadas.
- b) Na educação, é fundamentalmente o poder de transmutação dx aprendiz quando derruba todas as barreiras que existem e/ou que elx criou para si. É uma energia muito selvagem mal tolerada pela instituição, energia fundamentalmente antipatriarcal e antipaternalista de libertação daquilo que se poderia chamar de modo feminino indomável de aprender (conforme o arquétipo da loba, da onça...). Isso é muito inovador, para não dizer revolucionário, já que dentro da nossa cultura patriarcal, esse modo feminino de se relacionar com o saber é mais facilmente entendido como meigo e meio submisso!

OXUM - “Orixá do rio Oxum; deusa das águas doces, do ouro, da beleza e da vaidade; uma das esposas de Xangô” (PRANDI, 2001, p. 570).

Qual o problema filosófico?

- *Amar, em todos os sentidos da palavra, pode salvar a humanidade, mesmo quando este amor é sedução estratégica, astuta e egoísta.* Há de não ter medo de trabalhar com todos os lados das coisas, com todos os poderes, inclusive os misteriosos e desconhecidos ou aqueles que julgamos perversos, que à primeira vista podem afastar ou atrair demais. Bruxaria assumida!

- *Amar proporciona uma saída para qualquer dificuldade, pois o amor é mestre das metamorfoses.* Transmuta todas as maldades e protege as crianças: no pior dos casos, nos transformamos em deuses ou ganhamos o poder dos animais! Em todos os casos, há de se amar, cuidar de si e dos outros, sem temer os desafios nem de usar todas suas capacidades.

- *A feminilidade com o sangue menstrual e os cuidados entre mulheres à ancestralidade feminina é o valor sagrado que permite a entrada no renascimento espiritual.* Isso é paradoxal numa sociedade machista e patriarcal, o que mostra que a evolução espiritual da sociedade não segue os caminhos da evolução das suas relações de poder (no caso, de gênero).

- *Amar é o portal do conhecimento, desde que sabemos mover a fome de amor, respeito e potência que está em cada ser pela nossa generosidade.* A reciprocidade é uma lei que dá poder e reconhecimento às mulheres detentoras da fecundidade e do carinho materno.

Os conceitos que podemos criar são:

- O conceito de “amor”, na sua grande diversidade e complexidade: sexo, sedução, exigência e apego, vidência do lado velado das coisas, dissimulação, doação, atração pela lei do dar e receber, carinho, fecundidade, poder, linhagem ininterrupta, metamorfoses no tempo e no espaço, egocentrismo e altruísmo, perdão. Oxum percorre a dinâmica do amor e conhece a lei dos corações.

Os desdobramentos para pensar a pesquisa e a educação:

- a) No pesquisar, é importante utilizar todos nossos recursos, inclusive, os mais misteriosos, velados e mágicos, sempre no respeito e amor para com xs parceirxs de pesquisa, o ambiente humano e não humano. Somos guardiões e guardiãs de uma ancestralidade mais antiga que a academia, que sobreviveu à deportação e vai sobreviver à globalização individualista e consumista. Essa ancestralidade é a própria fecundidade, no existir assim como no pesquisar. Nossa missão é cuidar desses laços de amor ancestral incondicional, cuidar do cuidar à natureza, à comunidade, a outrem e a si próprix.
- b) Na educação, é a mesma coisa: para a energia-Oxum, conhecer é a mesma coisa que cuidar, educar, ensinar. Educar xs aprendixes a se tornarem guardiãs e guardiões da mãe-natureza, de si, de outrem e da comunidade, agindo em prol das gerações futuras no respeito da ancestralidade.

OXAGUIÃ – “Oxalá jovem, orixá da criação que inventou o pilão para comer inhame mais facilmente, criando assim a cultura material” (PRANDI, 2001, p. 569).

Qual o problema filosófico?

- *A Cabeça do Caminho do Meio*. Ao experimentarmos o envolvimento apaixonado e o distanciamento absoluto, aprendemos a estar no meio entre o dentro e fora, vivendo na fronteira das coisas, entre o Aiyê (nosso mundo terrestre) e o Orun (o mundo celestial dos seres espirituais de luz). Mas concretamente, como ganhar essa sabedoria? É uma luta sem descanso, com celebração ritualística das nossas próprias dores e erros, com uma memória ancestral onde se capta a energia das exigências donas de melhoramentos sem fim. Caminho da Justiça e da Solidariedade com todxs xs oprimidxs, mesmo, que exige invenção e inovação, inconformidade e desafio para com o instituído, o normalizado, o naturalizado, sempre. Nunca esquecer o prazer de comer, transar, em qualquer circunstância, pois são fontes das forças explícitas e implícitas.

- *Nas memórias ancestrais que atualizamos nas nossas práticas, há o cara e coroa da guerra e paz. Faz-se a guerra para conquistar a Grande Paz. O Caminho do Meio se expressa como delírio e controle do delírio, no mesmo gesto, da vida e morte, na mesma viagem, no mesmo trânsito. As Águas tranquilas e fluentes dentro do vigor das florestas, e do Bambuzal. As disciplinas, respeito às hierarquias dentro da sabedoria e iniciação, fazem com que não há conflito direto, e sim subterfúgios, disfarces da Luz dentro da Luz, para vencer. Pensando no Aikido com sua utilização pacífica da energia violenta do adversário para derrubá-lo, e pensando na criação secreta da capoeira e do candomblé, driblando os poderes da injustiça e opressão... O sábio utiliza a força do adversário (o ego) para derrotá-lo sem briga... É como no budismo Vajra, tântrico, que reconhece e nina os apegos e emoções negativas, reconhecendo sua “divindade” em lugar de se esgotar na luta contra eles, ou seja, contra si próprio. Como? Utilizando sua energia vital e transmutando-a em força espiritual, desapegada e desterritorializada da ilusão de um eu separadoⁱⁱⁱ.*

- *Como vencer, pois “Estamos na luta”...? Observação com afeto, leitura desapegada e meditação na retidão. O primeiros raios do dia afastam a noite em nós.*

Os conceitos que podemos criar são:

- O conceito ambíguo de “envolvimento/distanciamento”, que é dinâmico: exige a destruição e criação contínuas, o anticonformismo radical na exigência ético-política da Justiça e Solidariedade.

- O conceito ambíguo de “guerra/paz”, movido pelas memórias pessoais, ancestrais e transpessoais, que se escondam em táticas vencedoras, desde que orientadas pela consagração dos erros e impurezas na Paz do coração, íntima e coletiva, dentro do conceito de Solidariedade.

Os desdobramentos para pensar a pesquisa e a educação:

- a) No pesquisar, a solidariedade e responsabilidade são valores fundamentais. A luta instituinte na academia, acontece pela promoção incansável de uma Cultura da Paz,

que é uma exigência ética incluindo a destruição em nós, de inimigos interiores tais como o conformismo, a mediocridade, a submissão, a falta de fé no seu valor. Nessa luta sem apego à luta, nesse paradoxo da “paixão branca”, dentro-fora da roda, da conquista, do melhoramento (estamos lutando para mais amor e paz, com pesquisas podendo transformar a realidade e mudar a vida, mas sem se entregar totalmente, e sim com sempre um pé fora, ou a cabeça observando as coisas de cima – ou seja, de coração aberto, para continuar com metáforas corporais...). Sempre pesquisamos com consciência do que estamos fazendo e de como estamos agindo na teia plural e heterogênea dos elos em que estamos inseridos e/ou que criamos.

- b)** Na educação, a paz sempre é o objetivo superior de qualquer processo de conquista, de aperfeiçoamento. Paz e conquista andam juntas, numa ligação permanente de justiça e solidariedade. O individualismo e a falta de compromisso com o passado e o futuro não podem existir.

IBEJIS – as crianças gêmeas. “Orixás gêmeos; protetores das crianças” (PRANDI, 2001, p. 566).

Qual o problema filosófico?

- *Ver sempre os dois aspectos da mesma realidade, qualquer que seja o custo emocional.* Pois surgirá uma solução de paz e fartura, um terceiro aspecto mais estável, incluído na contradição. De fato, nada de dramático aqui, há só a leveza da vida, brincalhona e encantadora.

- *Os contrários podem se disfarçar em identidade,* pois eles possuem uma identidade velada; ou pelo contrário, as contradições podem se desdobrar sem fim, até que se acerte o lado espiritual das coisas, revelando o Um dentro do Dois. Como? Ao equilibrar com Justiça e Equanimidade os dois aspectos da contradição, pois são naturalmente indispensáveis para qualquer nascimento e crescimento.

Os conceitos que podemos criar são:

- O conceito de *brotar-alegria*. A vida é sempre uma recriação, uma expansão alegre que não temos o poder de desfazer sem nos negar (gerar tristeza).

- O conceito de *união das polaridades*, que é a paz dentro do brincar e do conflito (o conflito como brincadeira, nunca para ser levado a sério).

Os desdobramentos para pensar a pesquisa e a educação:

- a) No pesquisar, é metodologicamente muito relevante aprender a brincar com as dialéticas e os paradoxos da vida, inclusive, na sua vertente cognitiva. Uma pesquisa é uma experiência/experimentação íntima da alegria, da entrega ingênua ao campo, na presença total, como crianças brincando.
- b) Na educação, aprender é um jogo com hipóteses (frequentemente opostas), uma fé genuína no fato de sempre existir uma saída alegre para qualquer problema ou problematização, uma experimentação íntima das energias, potências e potencializações do presente.

Chegamos ao fim da nossa entrega ao ambiente filosófico afrobrasileiro do candomblé nagô-jeje

Vemos claramente que tanto pesquisar como aprender ou educar é um processo de entrega total que diz respeito à integralidade do ser – ou melhor, dos nossos modos diferenciados e contextualizados de ser. Capturamos energias e/ou estamos capturados por energias (entre as quais, as energias cognitivas) de frequências múltiplas que combinam mais ou menos conosco, mas que podemos aprender a percorrer, acolher ou emanar. O ambiente sempre é complexo, potencialmente conflitante ou pacífico, pesado ou brincalhão, interligando pequenos e grandes mistérios assim como desvelamentos repentinos ou progressivos. Assim se cria um universo de pesquisa e educação com sua ética criadora, cuidadora e justa, que pode tanto ficar no equilíbrio com passar por desequilíbrios selvagens, mas sempre na procura da harmonização e do controle das potências encontradas-criadas no decorrer do processo cognitivo. Obviamente, esse processo é sempre um processo também afetivo. Por essa razão, a sociopoética fala de “confetos” (GAUTHIER, 2012): inexistem

conceitos puros, que não carreguem uma forte energia emocional; aqui se destacam os orixás como modos de pensar, perspectivas múltiplas e a cada vez originais, singularizadas (“meu” Xangô como potência cognitivo-emocional não é o “seu” Xangô etc.). Interessante é o fato de que as pesquisas de Antônio Damásio convergem com a epistemologia do candomblé (por exemplo, DAMÁSIO, 2003).

Conclusão:

- No momento de fazer um balanço daquilo que ganhamos com esse duplo estudo, amerindiano e afrobrasileiro, para formas e forças de pesquisa e educação decoloniais, surge com especial evidência nosso momento de verdade: as epistemologias do Sul, assim como as práticas de pesquisa e ensino/educação decorrentes, estão em oposição frontal com o que temos o hábito de vivenciar na academia instituída: temos no Sul, uma concepção tradicionalmente *integrativa e integrada* do ser humano, individual e coletivamente, enquanto o Norte gosta de separar, isolar, racionalizar tudo que toca. É a fonte de uma lógica colonial de dominação, da natureza pelo ser humano, da mulher pelo homem, da criança pelo adulto, do mistério pela razão, do anômalo pela segurança que proporciona o instituído, com suas regularidades, normas e valores.

Isso não significa que não existem relações de dominação nas lógicas sociais em vigor nas comunidades tradicionais do Sul. Nada de pensar em termos do “tudo bom” indígena ou afrodescendente frente ao “tudo ruim” eurodescendente: o moralismo é a forma mais comum e estúpida do (não) pensamento. Trata-se de recriar para nós, geralmente híbridxs culturais do século 21, uma dinâmica profundamente *humana e humanista* que nos integre novamente num lugar que nunca deveríamos ter abandonado: no útero da mãe-terra, cuja expressão bastante nobre e preciosa podemos devir. Precisamos, sim, de um resgate, de uma reativação e reatuação do *devir-humano* no pesquisar e no educar - e nossxs parceirxs indígenas e

afrodescendentes nativamente ligadxs às suas tradições são nossxs professorxs nessa dinâmica.

- Assim, falaremos da nossa entrega política, cultural e institucional a dois polos de fundamental importância para que reintegremos nosso ser/estar no mundo originário, matricial, conforme IMIX na cultura tolteca, nossa sabedoria amorosa uterina, de antes do nascimento, da separação e da dualidade, ao passarmos se precisar (e provavelmente, no nosso mundo colonial machista, capitalista, individualista e consumista, vamos precisar!) pelos aspectos IANSÃ e CAUAC da guerrilha selvagem de desapego através da caotização de nosso próprio ser, e de libertação de qualquer forma de prisão e consenso, de qualquer modalidade de aceitação da dominação pelas nossas memórias feridas e submissas, tristes e medrosas, que o sistema dual de dominação, humilhação e exclusão mantém e renova a cada dia. Esses polos integrativos são: o *corpo*, desprezado pela tradição filosófica eurodescendente - geralmente considerado um mero objeto, quando não desqualificado como fonte de ilusões, desejos inconscientes etc. A *espiritualidade*, que está dentro do corpo como dentro na natureza inteira (fractalmente, o cosmo está dentro de nós assim como estamos dentro dele). Mas a espiritualidade onipresente nas tradições comunitárias do Sul, como vimos amplamente aqui, foi geralmente reduzida a religiões percebidas como dogmáticas, supersticiosas e autoritárias no mundo filosófico eurodescendente de muitos pensadores da modernidade e pós-modernidade.

- Uma faculdade de Educação ao mesmo tempo intercultural e decolonial poderia tranquilamente formar professorxs segundo quatro linhas energéticas atravessando corpos, mentes e espíritos: as linhas do Fogo, do Ar, da Água e da Terra permitiriam se qualificar de maneira humana, integrada e inclusiva. Assim:

a) Pesquisadorxs e educadorxs se iniciando nas energias cognitivo-emocionais do Fogo aprenderão a lidar com o amor incondicional e as vidências intuitivas, assim como, as explosões transgredindo as regras injustas e gerando novos processos instituintes (movimentos sociais, linhas de fuga minoritárias, como dizem Deleuze e Guattari – *op. cit.* - Análise Institucional, transmutações poética e espirituais etc.).

b) Pesquisadorxs e educadorxs se iniciando nas energias cognitivo-emocionais do Ar aprenderão a vivenciar experiências perspectivistas alegres e (auto)críticas de multiplicação

dos olhares e entre-olhares, com perseverança no enfrentamento dos obstáculos externos e internos e discernimento no pensamento (antropologia crítica, filosofias oriundas de várias culturas etc.).

c) Pesquisadorxs e educadorxs se iniciando nas energias cognitivo-emocionais da Água aprenderão a lidar com os múltiplos aspectos emocionais dos processos de pesquisa e educação, ao lidarem com a impermanência de todo acontecimento ou devir, e ao “trabalharem” a compaixão com as dores herdadas de situações intimamente opressivas, em contextos variados (psicologia transpessoal, teoria feminista do *care* etc.).

d) Pesquisadorxs e educadorxs se iniciando nas energias cognitivo-emocionais da Terra aprenderão a equanimidade, ou seja, a presença total e atenção sutil em qualquer contexto e situação de pesquisa ou ensino, já que brotam naturalmente os conhecimentos quando o ambiente é favorável, suficientemente complexo (pedagogias modernas centradas no aprendiz, no grupo ou na comunidade, Círculos de Cultura etc.).

São apenas ideias jogadas nas neblinas do dia nascendo, para dinamizar forças telúricas que existem e só pedem para tomar formas um pouco mais firmes que nuvens, para brotarem e se tornarem nossa árvore, nossa casa, aberta às nove direções.

REFERÊNCIAS

BARROS, J.F.P de. *A fogueira de Xangô, o orixá do fogo – uma introdução à música sacra afro-brasileira*. Rio de Janeiro: UERJ-Intercom, 1999/Pallas, 2009.

DAMÁSIO, A. *Spinoza avait raison: joie et tristesse, le cerveau des émotions*. Paris: Odile Jacob, 2003.

DELEUZE, G. *Spinoza et le problème de l'expression*. Paris: Minuit, 1968.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mille plateaux*. Paris: Minuit, 1980.

GAUTHIER, J. *O oco do vento – metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais*. Curitiba: CRV, 2012.

GLEASON, J. *Oyá – um louvor à deusa africana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

HELL, B. *Possession et chamanisme: les maîtres du désordre*. Paris: Flammarion, 1999.

LACAN, J. *Ecrits*. Paris: Seuil, 1966.

MATURANA, H.; VERDEN-ZÖLLER, G. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano*. São Paulo: Palas Athena, 2004.

PERRIN, E. J. *Les mystères de l'astrologie maya dévoilés*. Aubagne: Quintessence, 2013.

PRANDI, R. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SANTOS, J.E. dos; DIDI, Mestre. *Sangô*. Salvador: Corrupio, 2016.

TRUNGPA, C. *Folle sagesse*. Paris: Seuil, 1993.

ⁱ Prof. Dr. Aposentado – Educação Nacional Francesa. Formado com mestrados em filosofia, ciências políticas e semiótica, doutorado em ciências da Educação, atuou como professor de filosofia, de metodologia da pesquisa na EEAN/UFRJ e com bolsas do CNPq e da FAPESB sediadas na FACED/UFBA, e professor de Estudos Culturais na UNIJORGE (BA). Criador da Sociopóética e pesquisador na área de inter e transculturalidade.

jacques.jupaty@gmail.com

ⁱⁱ Maturana criou o conceito de “matrístico”, para se afastar da dupla patriarcado/matriarcado, centrada em relações de poder e dominação; diferentemente do que acontece no matriarcal, no *matrístico* não há forma de poder alguma, e sim o carinho/cuidado e entrega imediata de bondade amorosa na relação entre o neném e sua mãe (ou a figura com papel de mãe). Ver MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004.

ⁱⁱⁱ Aqui também me permito uma leve interculturalidade, que vou justificar com mais precisão: a espiritualidade é, de fato, o que encontramos de *transcultural* nas nossas pesquisas. Há uma forma de indiferença às determinações espaço-temporais e de jogo com o espaço e o tempo que se revelam como sendo ilusões, a partir de nossa percepção de certa dimensão da realidade, presente mas não visível para olhares não despertos (ou não iniciados, ou ainda, não iluminados). Todas as tradições espirituais concordam nisso. Existe um “outra dimensão”, que está agora e aqui. Onde estamos. Só que na vida comum, ilusória, não a percebemos. Pular na quinta dimensão (ou 4,xyz, entre 4 e 5 – já que vivemos numa fractal de dimensão não inteira), de fato, é ficar no mesmo lugar e no mesmo tempo, com outra perspectiva (talvez em outra região da mesma fractal – uma fractal é um ser geométrico que se duplica sem fim a partir da mesma equação: o universo fora e dentro de nós: simplicidade; uma árvore é fractal: cada folha expõe a estrutura da própria árvore nas suas nervuras). Somos observadores de nós (aqui os ensinamentos toltecas e budistas convergem totalmente) e nosso intento, em conformidade com o intento cósmico, é a mera espontaneidade da criança totalmente entregue a seu brincar.